

Avaliação da Leitura¹

Geraldina Porto Witter

Departamento de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Como Beck bem explicita, no prefácio, por avaliação autêntica entende-se usualmente qualquer avaliação que não seja um teste de escolha múltipla, mas, embora seja crescente esta proposição pode ser um engodo. Isto porque o que muitos de seus proponentes esquecem é que o ponto crítico na autenticidade da avaliação *não é* o formato do instrumento. De fato, o que importa é o conteúdo da avaliação, os constructos subjacentes, a correspondência entre avaliação e a instrução da qual foi amostrada, e os propósitos de uso da medida.

Os programas de avaliação autêntica precisam ser usados com a cautela que a ciência pede, estando-se ciente de suas forças e limitações, não devendo ser esquecido que é necessário ser comedido no seu uso; também não deve ser olvidado o contexto ao empregá-los; há necessidade de estudos-piloto antes de generalizar seu uso; é imprescindível treinar e dar suporte técnico-científico aos que vão usá-los e que não basta esperança e opiniões sobre êxito, é necessário contar com dados de pesquisa. "Precisa-se muito de pesquisas nestas áreas, pois só tais resultados poderão fornecer uma justificativa forte para estes projetos (de avaliação autêntica)" (p.vii).

A breve apresentação leva a assinatura dos Autores e começa por lembrar que a avaliação é um dos tópicos mais importantes na área, que estão emergindo vários procedimentos mas há necessidade de conhecê-lo melhor do prisma científico. "Para uma avaliação ser efetiva e factível, precisamos de descrições e perspectivas: precisamos saber com que parece a avaliação: como foi construída, a estrutura conceitual usada para desenvolvê-la, e o propósito a que serve. Devemos estar prontos a dar um passo atrás para uma perspectiva crítica de nosso esforço para reformar a avaliação", dizem os organizadores (p.1), como alerta.

O livro está constituído por cinco partes com número variado de capítulos em cada uma delas. A primeira é composta por um único capítulo, da autoria dos organizadores. O título dado à parte é Compreendendo a Avaliação Autêntica da Leitura, ficando o capítulo com o título Definições e Perspectivas. Começa por lembrar que há uma variedade de conceitos na literatura, mas o denominador comum é avaliar diferentes tipos de capacidades em contextos o mais possível próximo de onde elas serão realmente usadas. O primeiro passo é explorar e definir objetivos.

A segunda parte trata da avaliação autêntica em sala de aula e é composta por três capítulos, sendo apresentados por Valencia. O que leva a assinatura de Hansen trata dos "portfolios" como meio de dispor de uma medida do progresso dos alunos, relatando sucintamente sua experiência com este tipo de avaliação.

1. VALENCIA, S.W.; HIEBERT, E.H. & AFFLERBACH, P.P. (1994) *Authentic reading assessment: practices and possibilities*. Newark, Del: IRA.
Endereço para correspondência: PUCCAMP, Departamento de Pós-Graduação em Psicologia, Rua Waldemar César da Silveira, 105, CEP 13045-270, Campinas, SP.

Conclui pela sua utilidade e lembra que esta avaliação tem impacto no clima de sala de aula. O texto é comentado por Marzano que destaca os aspectos básicos lembrados por Hanse, ou seja, é uma avaliação que deve incluir itens acadêmicos e não acadêmicos, deve ser usada de forma focal do currículo atendendo os objetivos pessoais; deve variar de estudante para estudante; não centralizar-se nos melhores trabalhos, mas sim incluir o que for significativo para o aluno. Marzano lembra que há questões por resolver quanto, por exemplo, à retroinformação, o referencial técnico e de avaliações mais complexas.

No capítulo seguinte, Hancock, Turbill e Cambourne tratam de sua experiência de avaliação da aprendizagem de alfabetização usando avaliação de respostas incluindo os seguintes estágios: explicitar as crenças; reorganizá-las em episódios e serem observados; decidir sobre como observar, registrar, analisar e interpretar os dados; como negociar a avaliação com pais, professores e alunos; relatar a avaliação e refinar as crenças. O texto é comentado por Pikulski que destaca a relevância de avaliar a alfabetização e de avaliar os procedimentos de avaliação.

O Capítulo 4 retoma a questão dos "portfólios" narrando a vivência de Snider, Lima e Devito em Rhode Island. O texto é comentado por Calfee que considera encorajador o uso deste procedimento de avaliação.

A terceira parte do livro é apresentada por Hiebert e trata da avaliação autêntica em sala de aula e além da mesma. O primeiro capítulo, dos três que constituem esta parte, trata da experiência de Au nas escolas elementares de Kamehameha, onde a avaliação por "portfólio" começou no ano de 1989 como parte das mudanças curriculares então introduzidas.

As avaliações implicaram na medida de envolvimento, do processo de escrita, da compreensão da leitura, da linguagem, do conhecimento de vocabulário, das estratégias para leitura de palavras e da leitura voluntária. O capítulo é comentado por Seda que destaca o que a experiência de Kamehameha tem de peculiar, o tempo e as estruturas requeridas para a mudança.

No sexto capítulo, Valencia e Place descrevem o projeto "The Bellevue Literary Assessment Project" que não discrepa do uso geralmente feito do "portfólio" como alternativa para os testes de escolha múltipla. Os comentários sobre esta vivência ficaram por conta de Wolf que destaca seus pontos principais: começar com o currículo e o ensino; identificar os enfoques apropriados de avaliação; envolver os professores; construir uma ampla e duradoura base de suporte e conduzir avaliações ao longo do processo.

Bembridge trata, no capítulo seguinte, de um pacote de avaliação multivariada (MAP) cujo emprego começou em 1980 e vem sendo aprimorado ao longo dos anos. Seu trabalho é comentado por Lipson que destaca como suas características relevantes: utilidade, funcionalidade, conteúdo, flexibilidade e a relação ensino-avaliação.

Coube e Afflerback apresentam a quarta parte que trata deste tipo de avaliação em larga escala, questão enfocada nos capítulos 8, 9 e 10. No primeiro deles Weiss descreve o que vem sendo feito na avaliação do inglês, na Califórnia, em vários graus enfocando a linguagem expressiva, persuasiva, informativa e narrativa. Os comentários ficaram sob a responsabilidade de Pearson o qual destacou como atributos positivos do programa: o conceito básico, o con-

texto social, o envolvimento dos professores, o formato e o conteúdo das avaliações.

A seguir, Garcia e Verville tratam do programa de avaliação do estudante usado no Arizona em texto que foi comentado por Peters, o qual considera como contribuições significativas: a multiplicidade de medidas, o enfoque multidimensional, sua direção ser norteada pelo currículo adotado, a relação ensino-avaliação e a avaliação dos alunos limítrofes.

No Capítulo 10, Kapinus, Collier e Kruglanski descrevem o programa de avaliação de desempenho desenvolvido nas escolas de Maryland (MSPAP) o qual, segundo comenta Wixson, apresenta como resultados positivos a variação de aspectos da leitura enfocados: o fato de ser avaliado o processo, as tarefas de avaliação, as formas de registro e pontuação, a sua validação e o fato de viabilizar o desenvolvimento profissional.

A última parte do livro é apresentada pelos três organizadores que escrevem seu único capítulo, no qual fazem um balanço do estado atual da avaliação autêntica e tecem algumas perspectivas quanto ao seu futuro. Consideram que os projetos apresentados ilustram bem a complexidade do assunto e que, como os comentadores dos capítulos sempre evidenciaram, há muitas questões por resolver. Em relação ao futuro apontam como pontos cruciais: as tarefas e o contexto de avaliação; o envolvimento de professores e alunos; o atendimento às necessidades e interesses de audiências diferentes.

Facilitam a consulta ao livro: índice de autor e índice de conteúdo.

Trata-se de obra que por seu conteúdo não interessa apenas aos que se ocupam com a avaliação da leitura, mas todos que estão preocupados com qualquer que seja a avaliação a ser

conduzida, em todos os níveis de ensino formal e informal. As experiências narradas podem ser muito úteis aos administradores de ensino, seguindo novas formas de atuação.